

Uma abordagem acerca de eventual suficiência, na inteligência artificial, para colocar em xeque o domínio do homem sobre a natureza¹

Kielce Marne Silva de ARAÚJO²

Ana Lúcia Araújo da SILVA³

Paulo Roberto Félix dos SANTOS⁴

Cláudio MESSIAS⁵

Universidade Federal de Campina Grande - PB

RESUMO

O presente trabalho nasce num contexto de discussões em sala de aula⁶. O que queremos, é problematizar sobre a suficiência da inteligência artificial em relação à supremacia humana e suas relações ético-espirituais. Interpretando o pensamento de teóricos, como Marilena Chauí, Pierre Lévy e Mariah Brochado, ampliamos a arena da discussão com outros campos do saber. A ideia é revisitar os clássicos e buscar entender o contemporâneo. Nosso objetivo, dessa maneira, é tentar compreender como a própria moralidade no tecido social pode ser esgarçada, na medida em que questionamos acerca do domínio do “homem” sobre a natureza e, por suposição, a ordem inversa dessa lógica.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência coletiva; inteligência artificial; gestão da comunicação; ética; filosofia.

INTRODUÇÃO

Logo no início do período de aulas do semestre letivo em curso (2023.1⁷), fomos levados a refletir sobre a temática “Inteligência Artificial”. No início da interação, percebe-se que seja indiscutível o impacto desse tema em todos os setores da sociedade. Apreendemos preliminarmente que, em um contexto dos postulados de Marshal McLuhan⁸, o homem desenvolve a máquina, como sua imagem e semelhança e que, contudo, com o passar do tempo, esse mesmo homem torna-se dependente da máquina, em uma espécie de inversão de fatores. Estamos, pois, falando de sistemas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT Estudos em comunicação), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação, 2º semestre do Curso de Comunicação Social/ Educomunicação; Mestre em Ciências Sociais – Universidade Federal de Campina Grande-PB, e-mail: kikomarne@hotmail.com

³ Estudante de Graduação, 3º semestre do Curso de Comunicação Social/ Educomunicação, e-mail: analuciaaraujoo1983@gmail.com

⁴ Estudante de graduação, 1º semestre do Curso de Comunicação Social/ Educomunicação, e-mail: paulorobertinho2013@gmail.com

⁵ Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, docente no bacharelado Comunicação Social/Educomunicação na Universidade Federal de Campina Grande, PB. E-mail: claudio.messias@professor.ufcg.edu.br

⁶ Discussões da disciplina Comunicação, Ética e Cidadania, ministrada pelo professor Dr. Cláudio Messias na Universidade Federal de Campina Grande-PB - UFCG.

⁷ A Universidade Federal de Campina Grande encontra-se fora de sintonia entre os calendários civil 2024 e acadêmico 2023.1, devido, ainda, à pandemia da Covid-19, quando as aulas ficaram suspensas por mais de 90 dias.

⁸ Em sua obra A Galáxia de Guttenberg, McLuhan se refere ao fato de homem, ao usar a tecnologia, reinventar-se na forma de sujeito, de maneira que a máquina seja o objeto para essa recriação de sujeitos.

computacionais que simulam o comportamento humano, numa nova dualidade sujeito e a máquina que ele desenvolve.

Interpretando o pensamento de teóricos, como Marilena Chauí, Pierre Lévy e Mariah Brochado e Maria Aparecida Baccega, ampliamos a arena da discussão. A ideia é revisitar os clássicos. Nosso objetivo é tentar compreender como a própria moralidade no tecido social pode ser esgarçada, na medida em que questionamos, acerca do domínio do “homem” sobre a natureza.

O que pretendemos, como cerne do trabalho, é problematizar sobre a suficiência da inteligência artificial, que coloca, por hipótese, em xeque ou não, o domínio do homem sobre a natureza. Acreditamos ser uma discussão relevante. Propomos tentar entender como a própria moralidade no tecido social pode ser esgarçada, na medida em que questionamos acerca do domínio do “homem” sobre a natureza.

METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Não seria possível um aprofundamento, mesmo que de forma incipiente neste tema, sem o estímulo necessário para condução da pesquisa. Portanto, achamos imprescindível lançar mão, aqui, dos postulados de Marilena Chauí (2000), que nos norteia muito bem sobre a responsabilidade e ao mesmo tempo aquela espontaneidade provocativa da atitude filosófica. Temos, outrossim, que questionar. Não tomar como óbvias as coisas, o mundo criado e seus elementos estruturantes. Temos, de forma permanente, que contrapor as ideias. As conclusões de hoje, nessa perspectiva, podem não ser suficientes, reconhecemos. O contexto é a revolução da informação. A inteligência artificial vai arrasar o homem? Então, defendemos, temos que investigar.

A luz da autora Mariah Brochado, em seu artigo, sobre a inteligência artificial e a ética (Brochado, 2023) em respeitoso diálogo com o icônico, Henrique Cláudio de Lima Vaz, podemos ressaltar pontos teóricos e metodológicos que se apresentam como notáveis diante da discussão. A título de exemplo, mencionamos “a mitificação de processos *maquínicos*, que transformam programas computacionais em entidades inteligentes”; “a necessidade de se resgatar uma tradição filosófica minimamente hegeliana, para o desenvolvimento de uma reflexão filosófica para hoje”; “a busca desenfreada do prazer tecnológico (hedonismo) e *bulínico* (distúrbio), como caminho incerto, nessa

encruzilhada milenar que nos encontramos”; ‘antropoformizar a máquina, como nossos imitadores, não como simplesmente imitar nossas atividades desenvolvidas pelo corpo humano, mas inclusive, sobretudo, as faculdades mentais (da inteligência humana). Sabendo que isto interfere na unidade espiritual de toda trajetória da civilização.

O canário é de impacto na vida terráquea, onde podemos caracterizá-lo como sem precedentes e altamente disruptivo; levando a mudanças consideráveis. Uma mutação sem precedentes (Brochado, 2023).

A expressão chave “entidades inteligentes”, do autor Gilbert Simondon (BROCHADO, p.78 apud SIMONDON, 2023), considera o texto de releitura da relação do homem com as tecnologias digitais, diante de um desafio de grande magnitude para a ética filosófica e todo o ambiente da tecnicidade.

Para Brochado (2023) exige diálogo urgente com o corpus e eticidade, tendo em vista que é necessário acionar as significativas contribuições filosóficas clássicas, que primam por um relacionamento ético entre o indivíduo e as estruturas sociais. Ela ressalta, a busca pela ética vaziana para a reflexão do que ela chama de fenômeno.

Acertadamente, um dos pontos cruciais do texto, elaborado pela autora Mariah Brochado (2023), elucida, o que ela chama de “paradoxo civilizacional”: ao mesmo tempo em que a inteligência humana consegue evoluir, “transformando o meio ambiente em que vive o homem” e produz o que chamamos de cultura, de maneira revoltante e contraditória, se assiste o esmaecimento, das constelações de valores espirituais que são o estribo de toda e qualquer sociedade. Temos que pensar sobre este paradoxo. De um lado, o imparável recrudescimento das tecnociências, e, de outro, o esgarçamento do tecido social tradicional. Admite-se o surgimento de uma nova civilização, mudança de paradigma. Seguindo essa percepção, estamos diante do desmoronamento da ideia do “bem-transcendente”, que caracteriza a universalidade do ser humano em ser aberto e generoso. Tais características, descrevem a sua dimensão da espiritualidade.

Pensamos que há pouca lucidez teórico-metodológica que venha investigar e refletir, sobre a influência das máquinas. A lógica é acreditar que as máquinas são autônomas a partir da sofisticação dos sistemas e softwares desenvolvidos pelo próprio

homem, que é o único envolvido no processo capaz de dar sentido a existência e preservar sua espiritualidade.

É hora de adicionarmos, algumas “migalhas” do pensamento de Pierre Levy (2007). Ele consegue socializar seu projeto com riquezas de detalhes. Seu tema foi “Inteligência Coletiva”, criticado, à época, pela comunidade científica, pela obviedade e mesmo redundância de seu título de publicação, considerando-se que a inteligência, por óbvio, seja fruto das interações humanas, logo, do sujeito para com o coletivo. Sua intenção era tentar responder à seguinte pergunta: “- O que fazer com as novas ferramentas?” a resposta veio logo em seguida: “Vamos fazer inteligência coletiva”. Para ele, o que se chamava, no princípio, de inteligência artificial, na prática, era um compartilhamento, “troca” de conhecimento. Onde aqui, hoje, os programas de inteligência artificial colocam conhecimentos de vários especialistas, à disposição de outras pessoas, dentro de uma organização, ou de uma empresa. Só que ao longo do tempo, se desenvolveram outros programas de inteligência artificial com a intenção de criar máquinas mais inteligentes do que as pessoas. Algumas Bigtechs⁹, já se propõem, inclusive a financiar pesquisas, cujo objetivo é o de criar Ciborgs singulares, ou o que para Lèvy é “a questão da singularidade maquina”. Trata-se da transformação da espécie humana em um corpo diferente através do código genético. O objetivo destas pesquisas, ressalta o autor, é tornar real o que até então não passava de utopia: a imortalidade técnica.

O projeto de Pierre Levy (2007), ou o desenvolvimento de sua teoria de inteligência artificial, é englobar toda evolução destas pesquisas revolucionárias, se utilizando de todas essas novas ferramentas, para contribuir com um macro projeto desenvolvimentista da própria cultura. Para ele, a nova mídia algorítmica, que mensura o comportamento humano de consumo através de métricas quantitativas e qualitativas, deve preservar a função de promover melhoramento cultural. Sabendo que todos esses elementos podem muito bem convergir para uma inteligência coletiva, tem principal de seu livro há quase 20 anos. E aqui está, vemos, o ponto nevrálgico de sua teoria, ou o “X” da questão. Isto porque a inteligência coletiva é algo que já existe, se concebe, por ser fruto da interação entres sujeitos sociais dentro dos mais variados e complexos contextos.

⁹ Nos referimos à nova grande indústria produtora e dominadora de culturas consumo, desenvolvedora das múltiplas plataformas de interação social através das mídias.

Não necessita ser criada. Até mesmo os seres irracionais, de alguma forma, operacionalizam a partir de uma inteligência coletiva, mesmo que os patamares e os parâmetros sejam outros à luz da razão. Então, essencialmente, já fomos dotados de inteligência coletiva. E a nossa inteligência, nós seres humanos, é sem dúvidas especial. Isso porque temos a premissa dialógica, a linguagem, onde por sua vez temos a capacidade de abstrair do significado pronto, dado, das coisas criadas. Atribuímos, símbolos, sentidos, trocamos ideias, dialogamos, ou seja, nos comunicamos e, melhor, em uma perspectiva estética, de maneira a sermos entendidos, compreendidos, assimilados.

Tudo isso, constitui a Inteligência Coletiva. Somos dotados de consciência individual, pessoal. Contudo, não somos simplesmente estimulados por um mecanismo que provoca “estímulo fixo”, e uma “resposta fixa”, por vezes experimentadas em laboratórios, para se perceber o comportamento e as reações nos animalejos. Não. Somos diferenciados. Refletimos, ponderamos e conseguimos ir além do significado proposto.

Na perspectiva dos estudos das Ciências da Comunicação entendemos como extremamente relevante resgatarmos os postulados de Maria Aparecida Baccega (2002), que de forma singela e extremamente significativa define o que seja, conceitualmente, comunicação. De acordo com a autora, comunicação é edição da realidade. Nesse prisma, quem comunica edita a realidade a partir de sua visão de mundo. Cada sujeito que compõe a massa, portanto, coloca em seus enunciados parte da cultura na qual está inserido. Segundo Baccega (2022), uma sociedade de massa pode se apresentar tanto na perspectiva homogênea quanto no prisma heterogêneo, o que se torna um desafio para a parte da enunciação, logo compreendida como a parte produtora de conteúdo.

Pois bem, diante de toda essa estrutura social que criamos, sem dúvidas, evoluímos na inteligência humana; dilatamos o conhecimento. Acumulamos cada vez mais conhecimento, sem nenhuma limitação quantitativa. A revolução científica consegue coordenar pesquisas e mais pesquisas; e isso com certeza contribui para aumentar as reservas nos depositórios do conhecimento e do saber. Acontece, que são muitos dados se acumulando. E o melhor é que todos estão disponíveis digitalmente. Para Lévy (2027) “a nossa memória só aumenta”.

CONCLUSÃO

As assertivas teóricas de Lévy (2007) nos ajudam a pensar naquilo que é de grande valor, na relação dos seres humanos com inteligência artificial, realocando filosoficamente a forma como cientificamente relacionamos, em domínio, sujeito e máquinas. De acordo com ele, nós podemos tirar proveito ou agregar no processo de fortalecimento do ele defende como inteligência coletiva. Para que então criar algo diferente do humano? Não podemos e não devemos, sequer, cogitar a ideia, de admitir o “pós-humanismo”. A proposta dele, é tão somente ressignificar a tradição, para então, teorizar, sobre uma ética que contemple toda essa complexidade. Talvez o caminho seja esse, como o mais racional possível.

Em outra vertente, na acepção ética dessas relações de consumo, Mariah Brochado nos traz ao contexto que alerta para uma suposta relação utópica pelo porvir dessa interação entre sujeitos e máquinas, visto que há, ainda, ausência de elementos concretos, objetivos, que sinalizem para uma possível dominação das tecnologias, em especial substituindo as decisões humanas norteadas pela razão.

Então, diante destes autores, e deste cenário dialógico, no emaranhado de ideias, a respeito da provocação necessária sobre alguma espécie de ranhura, entre a inteligência artificial e o domínio do homem sobre a máquina, não conseguimos nem pretendemos “profetizar” uma ambiência de acomodação, de tranquilidade e de quietude. Contudo, acreditamos, aqui como suposição, que temos muito, mais muito mesmo, a discutir sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. A. O gestor e o campo da comunicação. In: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). **Gestão de processos comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002, p. 15-27.

BROCHADO, M. **Inteligência artificial e ética**: um diálogo com Lima Vaz. Belo Horizonte, **Kriterion**, nº 154, abr./2023, p. 75-98.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 5.ed. São Paulo, fev. Edições Loyola, 2007.